

Afinando afinidades

Tatiana Longo Figueiredo

Em meados dos anos 1930, na roda de amigos de Mário de Andrade em São Paulo, não podia faltar o jovem Fernando Mendes de Almeida. Para riso geral, com grande graça, o excelente imitador se via sempre incitado por Mário a imitá-lo, na brincadeira que o provocador considerava sempre “uma dilícia”. Segundo depoimento de Oneida Alvarenga, “era o arremedo da voz, do jeito de falar, até do queixo vasto e, principalmente, da inteligência exigentemente analítica, conceituadora e definidora do nosso irmão-grande”¹ Manuel Bandeira, em carta de 1º de maio de 1934, comenta com o poeta da Pauliceia essa habilidade e o quanto tinha se divertido com ela nos dias em que Fernando estivera no Rio de Janeiro. Foi nesse clima de camaradagem que a amizade entre Mário e Fernando Mendes de Almeida se consolidou sem medir diferença de idade ou de posição. Quinze anos mais velho, o lente do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, quando se tornou Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, em 1935, teve como seu subordinado o antigo aluno, trabalhando como escriturário na Discoteca Pública, ligada ao mesmo Departamento.

Poeta bissexto, Fernando Mendes de Almeida lançou *Carrossel fantasma* em 1937, transitando pelo surrealismo. Na biblioteca que pertenceu a Mário de Andrade,

¹ ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade e Oneida Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 8.

hoje no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, encontra-se o exemplar do livro com as anotações do leitor e crítico, esboçando o artigo “Três faces do eu”, publicado em 28 de maio de 1939, na coluna semanal “Vida Literária”, por ele mantida no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Focalizando os poetas Oneida Alvarenga (*A menina boba*), Rossine Camargo Guarnieri (*Porto inseguro*) e o autor de *Carrossel fantasma*, Mário assim se manifesta: “O mais original e, decerto por isso, menos compreendido [...] é Fernando Mendes de Almeida. Os seus versos só obtiveram elogios reticenciosos, o que não foi de todo desarrazoado. O poeta assusta um bocado a gente. [...] são frequentes em Fernando Mendes de Almeida versos coruscantes, de grande beleza poética [...]. E cheios de versos como estes, acrescentando ainda o interesse invulgar do que revelam, poemas como o que dá nome ao livro, o ‘Rito da Dona Ingrata’, o ‘Rondó da Morena’ e o ‘Trailler nº 5’ são ainda admiráveis, das mais interessantes exposições do mecanismo lírico, em nossa poesia atual”.

Se esses poemas receberam boa acolhida do crítico, o mesmo, porém, não ocorreu com os dois estudos publicados pelo Departamento de Cultura, como separatas da *Revista do Arquivo Municipal*, números 56 e 65, em 1939 e 1940 – *O folclore nas Ordenações do Reino e Pranto de Maria Parda*. Logo após o aparecimento do primeiro, Mário de Andrade não esconde suas restrições, assim se dirigindo ao autor, em carta de 25 de julho de 1939: “Franqueza: ainda não sei se estudarei seu livro no *Notícias*, ele me irrita muito pela falta de método, leviandade de falta de bibliografia pelo menos honesta do assunto. Há honestidade e honestidade. Eu me queixo de você na sua absurda, quase agressiva independência não ter se aconselhado comigo quando preparou e escreveu o livro”.

De fato, o crítico, em sua coluna “Vida Literária”, em 2 de julho daquele mesmo ano, apenas inclui a obra na lista dos livros recebidos pelo *Diário de Notícias*. Quanto à exegese do texto de Gil Vicente desenvolvida no *Pranto de Maria Parda*, Mário, anotando nas margens do volume, aponta com severidade diversos problemas. Depois, expõe sucintamente as fragilidades do texto no artigo “Os paulistas”, no periódico carioca, em 21 de junho de 1940. E conclui: “Seria longo enumerar todas as vezes em que divirjo das interpretações do Autor. Minha opinião sincera é que o sr. Fernando Mendes de Almeida teria agido melhor esperando maior maturidade de espírito para publicar obras deste gênero”.

A publicação dessa crítica, sucedeu o natural silêncio, em ambos os lados, à espera de uma conversa esclarecedora, dificultada pela distância física, pois, nessa época, Mário vivia no Rio de Janeiro. E de lá vem a surpresa: em 18 de agosto desse 1940, o escritor assinara seu último texto no *Diário de Notícias*, abandonando, sem explicações, a crítica profissional. A notícia desencadeia, em 3 de setembro, o protesto de Fernando que se calara quando, em São Paulo, o amigo anunciara seu propósito aos mais chegados. Tomar tal decisão significava deixar na crítica literária um vazio irremediável, já que não existiam verdadeiros críticos no Brasil.

A resposta de Mário de Andrade em 10 de setembro e mais uma carta dele, no dia 25 do mesmo mês, põem em cena, de modo exemplar, a questão da amizade, razão pela qual foram escolhidas para marcar, na revista *Teresa*, a presença deste singular correspondente.

Em 10 de setembro de 1940 são expostas, sem subterfúgios, as razões de sentimento que lhe haviam provocado a resolução, entre as quais reconhecia o receio de magoar amigos. Em 25 de setembro, a carta usa de cores fortes para definir a amizade e os laços que uniam o missivista ao poeta do *Carrossel fantasma*. Traz exemplos como o de Manuel Bandeira que lhe confessara o medo de não corresponder, à altura, ao nobre afeto que recebia, desde os tempos do modernismo nascente. Confidencia o contraexemplo: a grande dor diante do fracasso da amizade no rompimento com Oswald de Andrade. E a carta a Fernando culmina na intensidade desta declaração: “Você é o amigo, um dos amigos que eu tenho e que não posso supor eu deixe de ser amigo dele”.

Os documentos aqui apresentados pertencem à série Correspondência do Fundo Fernando Mendes de Almeida, no setor de Arquivos do IEB-USP. Na transcrição optamos por atualizar a ortografia pela norma vigente, apenas mantendo a da locução “diz-que” criada pelo autor de *Macunaíma*.

Tatiana Longo Figueiredo é doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, bolsista da FAPESP e membro da Equipe Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP.

Rio, 10 de setembro de 1940.

Fernando

É inútil, a crítica foi deixada e bem deixada¹. Fui totalmente insensível à sua carta, totalmente insensível ao ato de nobreza que ela representa, a li como se fosse uma obra-de-arte, coisa longínqua, que não me tocava.

Agora, me deixe ser mais completamente fiel à nossa amizade. É certo que a campanha contra mim de Amados e outros me sensibilizou muito, sofri com as injustiças, as calúnias, as conscientes deformações da minha atitude crítica².

- ¹ De 5 de março de 1939 a 18 de agosto de 1940, Mário de Andrade assinou a coluna semanal “Vida Literária”, no jornal carioca *Diário de Notícias*. Assim que decide abandonar a crítica, os amigos tentam dissuadi-lo desse propósito. Esta carta responde àquela, datada de 3 de setembro de 1940, na qual Fernando Mendes de Almeida menciona conversa na casa de Oneyda Alvarenga em que o assunto fora tratado, e argumenta que o afastamento de Mário deixaria um vazio irremediável já que não existiam verdadeiros críticos literários no Brasil.
- ² Jorge Amado e Joel Silveira, colaboradores do jornal carioca *Dom Casmurro*, haviam empreendido, recentemente, campanha difamatória contra Mário de Andrade após a publicação do artigo “A palavra em falso”, no *Diário de Notícias* de 6 de agosto de 1939, no qual o crítico apontava problemas de construção em *Onda raivosa*, livro de contos de Joel Silveira. Logo em seguida, em 12 de agosto, *Dom Casmurro* exibira texto, sem assinatura, em que se lia: “No artigo do último domingo, sobre vários contistas, Mário de Andrade na sua crítica não foi procurar neles a mensagem que nos seus livros traziam para os homens. Delicado e detalhista ficou atrás das palavras ‘falsas’, dos termos que soaram falso aos seus ouvidos de esteta e professor de música. Ouvido grã-fino e educadíssimo. Mas como o que, evidentemente, se procura num crítico é a compreensão para a obra criticada e como essa compreensão vem através [de] toda a sensibilidade e não o ouvido, simplesmente resulta que a crítica do ‘mestre’ é um fracasso. E o que é pior dá margens a trocadilhos miseráveis como este que está correndo os cafés e as livrarias: – Mário de Andrade está fazendo crítica de ouvido” e acrescenta: “Os moços [...] andam cabisbaixos, de orelha murcha, desiludidos com o ‘mestre’ transformado no último esteta, do ‘mestre’ sem acompanhar a marcha do tempo, do ‘mestre’ voltando a galope para o modernismo agora sem violência. Os mais moços, que já vieram após o título conferido, estavam muito dispostos a chamarem o poeta pelo seu título glorioso. Desistiram e estão se rindo dele”. Em 27 de agosto, Mário respondera aos ataques em “A raposa e o tostão”, esclarecendo: “Esta crônica deriva, é certo, de uma nota saída recentemente a respeito da minha atitude crítica, na excelente revista *Dom Casmurro*, mas estou falando em geral. Sou incapaz de indiretas grosseiras, e não me refiro, pois, a quem escreveu a nota, pessoa que sempre admirei e continuo admirando, como romancista, o Sr. Jorge Amado”. Pontuava então: “Cabe à crítica, mesmo que se torne incivil e antipática, chamar ao tostão pelo seu modesto nome de tostão. Crítica

Mas a verdade mais verdadeira é que, embora repudiando uma atitude dessas, repudiando pessoalmente, eu a compreendia. E me sentia com direito pra aguentá-la; e, no caso, direito significa forças morais. Aguentei galhardamente todos os ataques dos contrários. E aliás abandonei a crítica num momento em que, desde vários meses, que eu saiba, os contrários não me atacavam publicamente.

Eu não abandonei a crítica por causa dos inimigos, mas por causa dos amigos, você um deles. Houve de tudo: incompreensões atrozes, interferências grotescas, ilusões excessivas, crítica da crítica atingindo impertinências larvares, exigências de compromissos inexistentes, maus livros que me desgostava criticar, houve de tudo.

É justo que eu trate do seu caso, em primeiro lugar. Eu não culpo exatamente você pelo que o seu caso do *Pranto de Maria Parda*³ me fez sofrer, embora eu

e condescendência são coisas divorciadas desde sempre, mormente nos países de pequena cultura, onde frequentemente os artistas se improvisam à custa de talento muito e nenhum saber. Substitui-se a técnica pelo brilho disfarçador, o cuidado da forma por uma vaga (e aliás facilmente intimidada) intenção social”, reafirma que a crítica “não deverá ser nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática, mas exatamente aquela verdade transitória, aquela pesquisa das identidades ‘mais’ perfeitas que, ULTRAPASSANDO AS OBRAS, BUSQUE REVELAR A CULTURA DE UMA FASE E LHE DESENHE A IMAGEM”. E concluía: “Quanto a mim... O maior perigo dos que conseguem alguma notoriedade é ficarem escravos dos seus admiradores [...] Depois que admiram não nos concedem mais a liberdade de ser. Fazem de nós uma imagem lá deles, e depois há que corresponder a esse retrato que nunca é do tamanho natural [...] Mas se não correspondemos ao retrato encurtado e antes preferimos a lealdade interior, então, ai! somos abandonados e a multidão nos deixa em busca de outras adorações. [...] é incontestável que somente na solidão encontraremos o caminho de nós mesmos”. Na tréplica “A solidão é triste...”, em 2 de setembro, o texto também não assinado ataca: “Sempre nos mereceu Mário de Andrade a maior simpatia intelectual e o maior respeito. [...] Baseados nessa simpatia e nesse respeito é que comentamos a atitude crítica dos seus últimos rodapés [...] Eis que Mário de Andrade volta a definir a sua atitude crítica [...] Todo um programa, diz [...] e nós concordamos: ‘todo um programa’ mas... que não tem sido cumprido. Porque se a crítica de Mário de Andrade não tem sido exclusivamente estética tem sido quase sempre estética, e, quando deixa de ser fica bastante discutível. [...] Esse esteticismo [...] é apenas, em última análise, uma reação contra o social na obra de arte. [...] Eis o que, em verdade, discutimos e combatemos na crítica de Mário de Andrade. Um sujeito da importância e da projeção desse escritor não tinha direito a essa atitude”. Sobre esse episódio vide o texto aclarador de Marcos Antonio de Moraes em *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade* (São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2007, p. 163-165).

3 *Pranto de Maria Parda*. Separata da *Revista do Arquivo*, nº LXV. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

considere você grandemente culpado pra comigo pela sua, pra mim, estranha atitude enquanto você produz. Não posso me explicar porque você não mostra, se não a mim, pelo menos a algum dos seus amigos de idade mais experiente, algumas das suas obras. Afinal das contas você me mostra um bom número dos seus versos inéditos⁴, eu os comento e critico à larga, você discute as minhas observações, aceita as que quer, recusa as que não quer⁵. Está claro: mesmo conservando minha opinião, jamais fiz pressão sobre você pra que se sujeitasse a ela. Por que então não me mostrar ou a outrem, as obras de técnica que você faz, obras de uma ordem muito menos livre, e em que a perfeição se delimita mais facilmente entre a verdade e o erro? É natural que exista, da sua parte, uma certa timidez, um bocado de hesitação em vir “incomodar” um amigo mais velho, cheio possivelmente de ocupações e preocupações. Mas por mais que eu compreenda essa hesitação, essa timidez, e até mesmo um certo brio de responsabilidade pelos seus trabalhos e pesquisas, sempre encontro justamente uma noção de responsabilidade da amizade com que vencer tudo isso. Na própria censura queixosa que eu fiz a você, por ter publicado *O folclore nas Ordenações*⁶ sem me mostrar antes o inédito,

- 4 Na série Manuscritos de outros autores do Arquivo Mário de Andrade há grande número de poemas de Fernando Mendes de Almeida, alguns com mais de uma versão. Esses textos receberam leitura cuidadosa do autor de *Remate de males* e guardam, nas margens, anotações dele: comentários críticos e impressões sobre os poemas, bem como sugestões para reformular determinados versos.
- 5 As anotações de Mário de Andrade, na margem do manuscrito de *Balada da Colina* de Fernando Mendes de Almeida, explicitam que se trata de uma nova versão desse poema em três partes anteriormente conhecido e, provavelmente, já comentado por ele. O leitor/ crítico marca na primeira parte: “milhor”; na segunda: “gosto mais da 1ª versão deste II” e, na terceira, aclara: “(sinto faltarem certos versos bonitos/ da 1ª versão deste III)” (V. série Manuscritos de outros autores, Arquivo Mário de Andrade).
- 6 Trata-se de *O folclore nas Ordenações do Reino*. Separata da *Revista do Arquivo*, nº LVI. São Paulo, Departamento de Cultura, 1939. Em carta ao amigo, de 25 de julho de 1939, Mário de Andrade confessara: “Franqueza: ainda não sei se estudarei seu livro no *Notícias*, ele me irrita muito pela falta de método, leviandade de falta de bibliografia pelo menos honesta do assunto. Há honestidade e honestidade. Eu me queixo de você na sua absurda, quase agressiva independência não ter se aconselhado comigo quando preparou e escreveu o livro”. Na coluna “Vida Literária”, o crítico, de fato, nada publica a respeito da obra que, em 2 de julho de 1939, inclui na lista dos livros recebidos. Ainda sobre o livro em questão, no Fundo Fernando Mendes de Almeida (IEB-USP), encontra-se, em recorte de jornal não identificado, a nota sem título, assinada “O.P”, a qual apresenta anotação marginal, nota autógrafa a lápis, que atesta a data de 15 de julho de 1939, e declara: “Não faço

havia da minha parte um assumir de compromissos que não cumprir seria uma cachorrice. Tanto mais que sei, honestamente sei que você sabe eu ser incapaz de dar opinião sobre o que não soubesse.

Pra ser inteiramente leal, Fernando: eu não fiquei apenas muito endolorido por ver você publicar um trabalho tão fraco como o *Pranto de Maria Parda*, eu fiquei irritadíssimo, teve momentos em que fiquei mesmo encolerizado. E principiaram meus sofrimentos. Veio uma dúvida desagradabilíssima me torturar. Não sabia o que fazer, criticar? não criticar? Principiou se firmando em mim a noção primitiva de que devia criticar. Sei que ela se firmou em mim dentro de raciocínios da mais perfeita honestidade. Pouco importam estes raciocínios agora, fiz mais. Dei-os a outrem, ao Manuel, pra que os julgasse por si e ele achou que eu devia escrever como escrevi⁷, e é quem tem me auxiliado em seguida.

Porque eu escrevi, mas escrever me deixou no maior dos abatimentos. E quando li o escrito em letra de fôrma⁸, fiquei amargo, no maior desgosto possível pela crítica em geral. Desgosto pessoal, meu, nascido de mim, antes das reações dos amigos. Porque os reflexos daquilo foram os mais mesquinamente detestáveis que é possível imaginar. Você bem pode compreender porém como não haviam de me repugnar e enxovalhar os “coitado do Fernando!”; os “ficamos muito sentidos por você censurar o Fernando”, os mais ásperos “isso é uma sacanagem do Mário” que partiu de pessoa muito chegada a você, e os “o Mário não devia ter feito o que fez” partido de outros mais calmos. Tive nojo. Ninguém pressupunha nem a lealdade da crítica nem o meu sofrimento pessoal. Ninguém via na própria

rodapé algum ao autor dizendo que gostei desse ensaio. Vá que alguns dos nossos sociólogos em consigna-
ção censurem arrojados do ensaísta”.

- 7 As cartas de Mário, até o momento conhecidas, não registram esse aconselhamento com Manuel Bandeira, justamente porque nessa época o escritor, assim como o poeta de *Carnaval*, residia no Rio de Janeiro.
- 8 Em “Vida Literária”, na crítica “Os paulistas”, que focaliza Fernando Mendes de Almeida entre outros autores, está: “Quanto a Fernando Mendes de Almeida, não creio tenha andado acertadamente publicando desde já a sua interpretação do *Pranto de Maria Parda*, que agora saiu em separata da *Revista do Arquivo*. Há que tomar em conta a mocidade do Autor, mas é por isso mesmo que eu preferiria esperasse ele mais tempo, porque semelhantes trabalhos de exegese de textos antigos, como esse de Gil Vicente, exigem grande amadurecimento cultural. [...] Seria longo enumerar todas as vezes em que divirjo das interpretações do Autor. Minha opinião sincera é que o sr. Fernando Mendes de Almeida teria agido melhor esperando maior maturidade de espírito para publicar obras deste gênero.” (*Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1940).

tristeza das minhas palavras escritas, a dúvida pessoal, a angústia, a total fuga da malícia, o cuidado em não tripudiar, a elevação em que eu me conservava e punha você, exercendo uma estrita severidade. Essa gentinha vive de impressionismos! Ninguém viu nenhum drama, todos só sentiram sua comodidade lá deles.

Eu fiquei de mandar a você o meu exemplar do *Pranto de Maria Parda* com as notas que escrevi, mas não mando. Você não me auxiliou em tempo, dizendo ao menos que ficara sentido com a pancada. Eu também já muito ressentido por causa dos outros, muito ressabiado, não fui suficientemente leal pra com você, perguntando sua opinião. Antes me fechei em copas, esperando que você falasse primeiro e você não falou. Eu creio que estávamos ambos desarvorados, embora por motivos diferentes... Agora é tarde. Eu conservo de tudo isso uma amargura tamanha que, pelo menos tão cedo, não quero retomar o caso que deixo em meio não mandando o meu exemplar. Ele me desgosta, cheio de notas brutais, até caçoadas frias ditadas pelo calor da amizade [mas] que agora me irritam, me ferem a mim⁹.

E agora é que vem o terrível: é que, mesmo depois da experiência passada e de tantos sentimentos desconstruídos que me deixaram tão longe das minhas certezas, se o caso tivesse que recomeçar ou se reproduzisse caso parecido, eu agiria do mesmo jeito! Sei que agiria do mesmo jeito. E isso é uma das causas profundas que me fizeram me desgostar da crítica.

Não foi a única porém, eu já disse que houve de tudo... Houve de tudo. Imagine você como havia de me avacalhar um amigo, em mal de amores ou de justiça,

9 Em seu exemplar do *Pranto de Maria Parda*, Mário de Andrade deixou intervenções de seu lápis em quase todas as páginas. As notas culminam no longo desabafo que ocupa a folha de guarda do final do exemplar: “[...] Manuel, eu, Oneida, Saia, sem diferenciação de idade ou posição, nos expomos nossos trabalhos. Só publiquei meu estudo sobre Santo Antônio depois do total ‘imprimatur’ do Saia. Fernando, ao contrário, estoura de supetão, virginalissimamente inédito, com um trabalho do vulto científico deste: comentário de texto quinhentista. O resultado foi o mais deplorável que se pode imaginar. Considero o trabalho muito ruim, e trago dentro de mim uma tristeza enraivecida. Não sei filologia apesar do muito que a estudei, mas sempre a minha experiência de 47 anos podia dar algum conselho e alguma sugestão. E principalmente dificultar a facilidade com alguma dúvida. Mas é pena: Fernando, amigo velho e querido, ex-aluno que só desejo ver no alto, por timidez inócua ou o que quer que seja, a impressão que dá é que ‘acredita em si mesmo’. A pior das impressões”.

nem sei! Saído em campo pra me defender e tontamente fazendo a única ressalva que era a condenação total da minha atitude! E condenação tanto mais irrisória que derivava de uma incompreensão absurda, inesperada, indigna de uma inteligência nobre como é a do Carlos Lacerda¹⁰. Ninguém nunca achará em toda a minha obra, mesmo artigos levianos, a queixa de incompreensão. E que viesse logo o Carlos Lacerda que eu estimo enormemente, num momento de levianice destemperada dele e que, ele sabia, era de importância funda pra mim, me dar a experiência mais forte possível da crueldade da incompreensão! Você não imagina como isso me espezinhou, me avacalhou.

Mas vamos para o lado do jardim [que] não vale a pena viver mais nesse quarto abafado. Porque existe ainda o lado floral da amizade me convidando a abandonar a crítica. Vejamos um caso só. Imaginaria acaso o Guilherme de Figueiredo que ele também é uma das causas de eu abandonar a crítica? Pois é. Mas examine com pormenor este caso terrivelmente gracioso: O Guilherme me manda um primeiro livro de versos, eu busco muito delicadamente abrir os olhos dele pra certos problemas da poesia, ele os abre demais, percebe nas minhas opiniões até o que elas não continham, aceita com muita saúde a carta¹¹, não se zanga nem se entrega. Publica depois obra muito mais forte, agora com elogios francos de um Graciliano Ramos por exemplo¹², eu (apesar das credenciais do Guilherme

10 Carlos Lacerda, ao lado de Moacir Werneck de Castro e Murilo Miranda, pertencia ao grupo de jovens que acompanharam Mário de perto durante o período em que ele morou no Rio de Janeiro. Integrante da revista *Rumo*, da Sociedade de Observação Social e um dos fundadores da *Revista Acadêmica*, Lacerda manteve com o escritor paulista longas discussões sobre o compromisso social e político dos intelectuais.

11 Em carta datada de 30 de dezembro de 1937, Mário agradece o envio de *Um violino na sombra* (Rio de Janeiro, Pongetti, 1936) e alerta Guilherme Figueiredo: “Seu livro me impressionou fortemente e o li por mais de uma vez, cheio de ideias disparatadas, ora gostando, ora com vontade de não gostar. E é de fato estranhíssimo que em 1937 você publique um livro de versos tão ausentes de tudo quanto se tem passado na poesia universal de 1900 para cá. Nada impedirá porém que trescale de seus versos uma sinceridade real e um lirismo intenso, e ainda haja no livro alguns sonetos que são da melhor concepção lírica do soneto. Desejaria conversar com você, saber-lhe mais das ideias e intenções, enfim conhecer alguma coisa do que você não disse no desastrado *prefácio* tão inútil e tão exclusivamente loquaz que pôs no seu violino”. (V. FIGUEIREDO, Guilherme. *A lição do guru*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 27-28).

12 Trata-se do romance *30 anos sem paisagem* que figura na biblioteca de Graciliano Ramos com a dedicatória: “Para Graciliano Ramos, com a minha amizade e a gratidão o Guilherme. Rio 22-6-39”. Guilherme, em *A*

e já o conhecendo bem, pessoalmente) trato severamente o livro e até não lhe dando, em tamanho métrico de crítica, a consideração que o livro merecia¹³. O Guilherme que é duma inteligência muitíssimo viva, diabólica mesmo de vivacidade, aguenta outra vez sadiamente o tranco, reconhece os perigos da qualidade de inteligência que ele tem, nem sempre se dispõe a combatê-los (o próprio fraco que ele sente pelo bando Cassiano-Menotti¹⁴ é prova disso), está progredindo enormemente (o conto “*In memoriam*” que publicou agora no *Notícias* é simplesmente magnífico¹⁵) é um dos novos em que deponho mais esperanças. Sempre agiu admiravelmente pra comigo, embora a maneira de agir dele, um bocado maneirosa, mania de “gozar” seres e casos, habilidade em dar opiniões possíveis de rápida ratificação, não seja das que mais me agradam. Bem, as coisas progredem em camaradagem. Nenhuma subserviência da parte dele, nenhuma grosseria em agradar, nada. Tudo muito sadio, muito legítimo. E, quando a camaradagem

lição do guru, lembra que o livro saíra “graças a carta de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo ao editor José Olympio”; e que “O ‘leitor’ da editora, que me abriu as portas à publicação, foi Graciliano Ramos”. (Ed. cit., p. 29).

- 13 O exemplar de *30 anos sem paisagem* enviado a Mário mostra esta dedicatória jocosa: “Oh! Mário de Andrade! Insulta-me, mas acredita na minha admiração. Do Guilherme. Rio, junho, 39”. “Nem tanto nem tão pouco”, o crítico de “*Vida Literária*” usa apenas um parágrafo para comentar o romance, salientando: “Há neste romancista novo uma real vontade artística, e foi isso que lhe deu o melhor do seu livro. A ideação geral é notável de originalidade e segurança. O sr. Guilherme Figueiredo quis nos dar a psicologia e a maneira de arrastar a vida de uma série numerosa de personagens mais ou menos medíocres e ridículos. Para poder ajuntá-los [...] terá faltado apenas ao romancista aquele poder esperto de definição dos personagens, que os relembre imediatamente ao leitor, todas as vezes que aparecem nessa multidão itinerante. [...] Isso não fez com suficiente habilidade o sr. Guilherme Figueiredo e seu romance é um bocado caótico. [...] Inteligência terrivelmente crítica, o dia em que o sr. Guilherme Figueiredo usar essa faculdade em análises mais profundas e mais... repousantes, sem a preocupação de brilho, creio que virá fortificar muito a equipe dos nossos bons romancistas”. O texto, que saiu no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 16 de junho de 1939), foi republicado na coletânea *Vida literária* (Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1993, p. 80-81).
- 14 Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia – juntamente com Plínio Salgado, Cândido Mota Filho e Raul Bopp – formularam, em 1923, no modernismo de São Paulo, o ideário artístico do verde-amarelismo, vertente nacionalista conservadora com a qual Mário de Andrade não se afinava nem literária nem ideologicamente.
- 15 O conto “*In memoriam*”, de Guilherme Figueiredo, inicialmente publicado no *Diário de Notícias*, foi posteriormente recolhido no livro *Rondinella* (Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro”, 1943).

já permitia isso, eis que o Guilherme me dá um presente, de uma natureza toda particular, que é bem cômica de esclarecer. Falo do Cristo¹⁶. Não havia nada mais legítimo do que ele me dar o presente. Era um presente fácil, que não custara dinheiro algum. Mas por outro lado era o presente que mais podia me interessar, da parte dele. Ele não coleciona imagens antigas, eu coleciono. Ele não sabia a importância técnica do presente que me dava, exemplar raríssimo, mas conhecia o lado histórico do objeto. Está claro que não houve compromisso algum no presente e sei que o Guilherme é suficientemente altivo para não me julgar preso a qualquer compromisso. Mas o presente existe! e a vida não vive só da imagem dos seres mas dos atos dos seres também. E hoje, além do prazer camarada, de inteligência, que o Guilherme me proporciona, ele vive em mim dentro de um afeto caricioso, pelo presente que me deu. Bem, as coisas continuaram, encontros felizes em concertos. Um dia, o Guilherme, falava-se justamente em publicação de livros, eu perguntando a ele o que estava ou não estava escrevendo, o Guilherme vai e me conta que, tendo arranjado editor, reunira uns contos velhos, entrouxara a coisa em livro, coisa sem importância¹⁷. Fiquei horrorizado. E se eu não gostasse do livro, santo Deus! Dizer, dizia mesmo, mas o que isso ia me custar! E o medo que o Guilherme (embora eu não tenha o mais mínimo direito de pressupor semelhante coisa) e se o Guilherme se ressentisse? Mostrando pela primeira e inesperada vez um lado feio que eu não queria que ele tivesse?... Fiquei horrorizado. Me acovardei. Estava com um medo danado de não gostar do livro próximo do Guilherme. Detestei a crítica.

16 Guilherme Figueiredo, em nota na edição das cartas que recebeu do poeta da *Pauliceia desvairada*, explica o caso: "sabendo da importância que teria esse crucifixo para Mário de Andrade, pois se tratava de uma peça de arte popular confeccionada por um jagunço do Contestado de Paraná, e trazida a meu Pai pelo então tenente Daltro Filho, em 1915, mandei-a a Mário em 1939, quando se anunciava o aparecimento de *Trinta anos sem paisagem*. Irrefletidamente sem pensar nas consequências éticas" (V. FIGUEIREDO, Guilherme. *A lição do guru*. Ed. cit., p. 30). O crucifixo, em folha de metal policromada (49,4 x 34,7 x 0,1), encontra-se no catálogo *Coleção Mário de Andrade: religião e magia, música e dança, cotidiano* organizado por Marta Rossetti Batista (São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial, 2004, p. 214).

17 Em carta de 5 de novembro de 1940, Guilherme Figueiredo noticia a Fernando Mendes de Almeida: "Haverá brevemente um livro de contos, que te mandarei. Sei que detestas a minha literatura, e por isso é que és meu amigo. Mas conto imensamente contigo para que se esgote a edição. Remeterei um exemplar." (V. série Correspondência, Fundo Fernando Mendes de Almeida, IEB-USP).

O livro do Manuel Bandeira, falo das *Noções*¹⁸ entra também como minuete na barafunda destas inconseqüências. Ele mesmo me pediu que anotasse tudo quanto eu achava ou supunha defeito, pra depois ele ler e corrigir o que julgasse crítica justa. Mas uma vez que lhe fiz notar uma das falhas graves, incontestavelmente falha, do livro, desembestou pra argumentos tão frágeis, tão mesmo ridículos, se justificando que percebi que ele estava agastado. Não comigo exatamente, mas... com o livro! um pouco à maneira do caipira, que tirou a garrucha da cintura e sustentou o peido. Ora eu teria que fazer muito sérias restrições ao livro. Restrições de ordem geral, total falta de personalidade, ausência de ideias gerais, ausência de filosofia, da história da literatura, concepção didática que me parece defeituosa¹⁹. Está claro que não diria estas coisas assim brutalmente. Eu sei o trabalho que o Manuel teve, a honestidade com que agiu (e de que foi um pouco vítima, aliás) na significação dos autores. E o livro tem grandes méritos. O caso da Academia se entrosava nas *Noções*, escurecendo tudo. Havia toda uma sinuca de pequeninos interesses psicológicos que me enxovalhavam a natural, natural não, a procurada e conscientemente exercida altivez. O Manuel ainda poderia me fazer justiça pois já temos conversado longamente sobre a Academia, fui um dos primeiros a discutir com ele a entrada dele, insisti muito pra que se

18 Trata-se de *Noções de história das literaturas* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940) com dois exemplares na Biblioteca de Mário de Andrade, ambos com dedicatória. No primeiro, lê-se na folha de rosto: "Ao querido Mário/ com um abraço/ do/ Manuel/ Rio 1940"; no segundo está: "A Mário de Andrade/ ofereço este único exemplar errado/ (V. p. 274)./ Manuel Bandeira/ 1940". Na página mencionada, ao lado do deslize da composição tipográfica que deixara passar dois parágrafos sequenciais praticamente idênticos, Bandeira restabelece o original ao copiar com tinta preta o trecho que deveria figurar naquele espaço.

19 As restrições de Mário ao livro de Manuel Bandeira evidenciam-se nas observações por ele traçadas em seu exemplar da obra. Já na folha de rosto esse especial leitor cita 64 páginas, para marcar, atentamente, nas margens e entrelinhas do texto, lapsos, erros tipográficos, incompreensões, impropriedades no uso de palavras, frases mal redigidas, exemplos mal escolhidos, nomes citados e não explorados, autores importantes não mencionados, conclusões apressadas, enfim, tudo aquilo que o levava a constatar a própria impossibilidade de escrever uma crítica responsável sobre o livro do amigo. Em 30 de junho de 1940, na seção "Livros Recebidos", acoplada à crítica "A volta do Condor", na coluna "Vida Literária" do *Diário de Notícias*, Mário de Andrade simplesmente acusa o lançamento de *Noções de história das literaturas*.

candidatasse²⁰. Mas, e os outros? O caso do Carlos Lacerda já me pusera de sobreaviso com as incompreensões...

Não, meu Fernando, nada mais de crítica profissional. Agora sou pela apolo-
gia. Quando gostar de um livro, de um quadro, de uma música e tiver ideias sobre,
escreverei. Senão, prefiro exercer a boa tirania da amizade com cartas destama-
nho, te fazendo sofrer. Não sofra muito não, já estou sarado. E como sempre, te
abraçando apertado e... ao quarteto²¹.

Mário

20 Em 1940, Manuel Bandeira candidata-se à cadeira nº 24 da Academia Brasileira de Letras – tendo como patrono Júlio Ribeiro e como fundador Garcia Redondo –, vaga com a morte de Luís Guimarães Filho. Eleito em agosto, no primeiro escrutínio, com 21 votos, toma posse em 30 de novembro, sendo saudado por Ribeiro Couto.

21 O missivista usa esse termo referindo-se ao amigo e à família, isto é, a esposa Nair, grávida pela segunda vez, e a pequena Ângela Maria.

Rio, 25 de setembro de 1940.

Fernando

Estou ocupadíssimo. Tão, que vivo fingindo uma doença que existe mas não me impede trabalhar, pra desculpa de tudo quanto não faço. Assim, pra todos os efeitos faz 20 dias que estou de cama e não saio de casa, tudo mentira. Porém, mesmo ocupadíssimo, não quero deixar sua carta mais tempo sem resposta. Há coisas que se deve malhar com o ferro em brasa.

Você se preocupa duas ou três vezes em me garantir que não autorizou ninguém a me censurar e atenuar por causa da nota que escrevi sobre você. Está claríssimo, Fernando. Nem por sombra passou por minha cabeça, que essas censuras derivassem de qualquer queixa ou mesmo atitude física sofridora de você. Sempre percebi em você um sentimento bastante altivo de dignidade pessoal e derivando disso, uma grande elegância de discrição. Isto nem chega a ser elogio porque não me parece ser uma conquista exatamente, mas um cultivo natural, espontâneo de uma tendência irremovível. Mas é bonito como o diabo.

Bem. Nas suas análises e explicações da sua discrição de não conversar sobre a minha nota nem comigo, apenas discuto a preocupação perniciosa em que você está com a sua possível “vaidade”. A cada passo, você explicando ou buscando a causa de um ato ou sentimento seu, você vem com a adversativa “mas isso é vaidade” Não creio que semelhante preocupação possa ser útil a você nem a ninguém. Todos nós somos vaidosos e a preocupação de se libertar da vaidade, sobretudo da vaidade interior, não me parece fecunda, antes muito inquietadora e capaz de levar o indivíduo a procedimentos de falsa humildade – o que é muito pior e muito mais infecundo que a vaidade. Aliás falei em “vaidade interior” e nem sei bem o que é isso nem se existe. Vaidade é coisa epidérmica, quase um... reflexo condicionado! Desconfio muito que quando a vaidade se “interioriza”, consegue controlar nossos gestos e a ser cultivada conscientemente, deixa de ser vaidade pra se chamar orgulho, que é uma grande qualidade. Existe o pecado do orgulho, mas não é dele que eu falo. Me refiro às formas conscientes e cultivadas do orgulho que podem dar, que dão ao ser uma clarividência maior e enérgica sobre si mesmo, suas possibilidades e forças, seus defeitos e inferioridades a corrigir,

sem desprezo das frágeis vaidades exteriores. Acho mesmo que o orgulho cultivado é o sentimento que mais consegue nos repor em nossa humildade, na verdade humilhante do ser. E é por isso que ele pode nos dar um grande equilíbrio nas relações, no entrelaçamento, no acondicionamento entre as nossas tendências e instintos pessoais, mesmo os mais... os mais chamáveis de “baixos” e as necessidades morais e intelectuais do ser. Enfim, talvez eu esteja teorizando pra mim mesmo... Nesta dolorosa luta do indivíduo para conquistar seu equilíbrio e sua completa realização, desconfio muito que cada um de nós cria seus mitos e seus ideais pessoais de forma a poder se realizar mais facilmente e se perdoar em sua irremissível fragilidade. Isto é horrível... Washington Luís era “honrado” em dinheiro, não sei se no lar, mas permitiu os maiores horrores do perrepismo¹. Há ladrões profissionais que se considerariam totalmente desonrados se roubassem a um “amigo do peito” e há mesmo seres que só colocam a honra no cu. Tudo o mais fazem, e continuam honrados e sossegados na sua honra lá deles. Honra, honra... A honra me parece mais importante que a geral e genérica moral, na direção dos movimentos do mundo e dos indivíduos. É um sentimento, um instinto. E todos nós a condicionamos aos outros nossos instintos e tendências. Bons como maus, analfabetos como filósofos ou santos – todos uns satisfeitos.

Estou perdendo tempo. O ponto mais feliz da sua carta é quando você analisando a sua amizade por mim, me pergunta se eu “acredito em amizades eternas”, em “propensões telepáticas” pois que você jamais “pensou fundamentalmente nisso”. Não sei se se incluem no sentimento, na ação, na conceituação da amizade, também o que você chamou de “propensões telepáticas”, mas que acredito na amizade, isso acredito maravilhosamente. E nas amizades eternas. É possível que se tenha dado em mim uma inflação natural e necessária do sentimento da amizade e seu cultivo, como uma espécie de “transferência” do sentimento do amor que nunca pude realizar dentro de uma permanência objetiva. Em todo caso não deixei por isso de ter “quatro amores eternos”² além de outros amores de arribação.

¹ Alusão ao PRP, Partido Republicano Paulista, ao qual Washington Luís pertenceu, elegendo-se para alguns cargos por essa legenda.

² Em carta a Manuel Bandeira de 2 de maio de 1931, Mário de Andrade insere o poema “Silêncio”, o qual com algumas alterações passou a figurar como a parte V de “O girassol da madrugada”: “Tive quatro amores eternos.../ O primeiro era a moça donzela,/ O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,/ O terceiro era a rica

Quando me analiso bem me parece porém que não houve transferência nenhuma e que o amor sexual e o amor de amigo são tão distintos que até podem coabitar em relação a uma mesma pessoa. E nos casais felizes é certo que coabitam 90 vezes sobre cem. Há no entanto casos bem raros de casais felizes em amor e infelizes em amizade. Já observei pelo menos dois, que procuro descrever num dos meus dois casais do romance *Quatro pessoas*.

Mas se existe em mim um grande cultivo maravilhado da amizade, não vá imaginar por isso que acredito a amizade mais perfeita, mais bela, mais superior que o amor. Não creio que seja. A diferença não é moral (onde os dois sentimentos se equiparam) nem científica (onde o amor sexual será por certo mais necessário e porventura mesmo mais lógico que o amor de amigo). A diferença me parece de ordem estética, tão importante ao ser como qualquer das outras duas. A meu ver (pelo menos pra meu uso) o que me maravilha na amizade é a extrema gratuidade do amor de amigo, o seu mecanismo de conhecimento puro, de compreensão estética, contemplativa e desinteressada. É aquele eterno dar-se e receber sem nenhuma espécie de interesse imediato. É aquela dedicação, aquele amor que vive de si mesmo e não exige retribuição imediata, embora em seu afeto ele tenha todos os reflexos biológicos do amor sexual, menos o do sexo. Acho mesmo estranho: o amor de amigo embora se utilize do corpo como os outros amores (ânsia de ver, prazer físico de estar junto, etc.) não tem como eles a menor fatalidade biológica ou de sexo, ou de consanguinidade, etc. É uma eleição cujos convites à escolha me parecem muito mais misteriosos, ou melhor, muito mais gratuitos do que se imagina. É certo que na prática nós em geral ficamos amigos de certos indivíduos que sucede conviverem conosco nesta ou naquela manifestação da nossa vida, mas de outros indivíduos nas mesmas circunstâncias e talvez mais instantes, mais necessários pra nós, deles não ficamos amigos. É certo que entram fundamentalmente em jogo as “afinidades eletivas”, mas às vezes nem elas me parecem decidir da eleição e muito menos perpetuá-la. Por que razão sou

senhora,/ O quarto és tu... E eu afinal me repousei dos meus cuidados”. (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1987, p. 340-341 e *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Ed. prep. por Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/ IEB, 2000, p. 502-503).

amigo do Herberto Rocha³, corretor de café em Santos, e que mesmo como psicologia é um mundo tão à parte do meu como S. Francisco de Sales deste cigarro que acabei de fumar? Se um convívio inicial decidiu da eleição e justificou alguns anos de vida em companheiragem, nem sequer a recordação do passado decide por mais de 20 anos de isolamento e fundamentais diferenças da eternidade deste amor. Mas enfim demos de barato que mesmo num caso como este existem afinidades eletivas que não consigo descobrir. O que interessa é observar que a afinidade eletiva é justamente uma comoção, um sentimento, uma compreensão eminentemente de ordem “estética”. Pois se trata de uma força que me prende sem reservas e que provoca uma identificação absolutamente gratuita, uma “empatia”, uma “*Einfuehlung*”, uma “simpatia simbólica”, uma “espécie de substituição”, que são os diferentes nomes dados pelos filósofos e estetas de laboratório ao estado estético.

Não nego, veja bem, que na amizade se ajuntem muitos interesses práticos e principalmente muitas afinidades eletivas interessadas. De forma que eu serei mais facilmente amigo de um artista, mais especialmente amigo de um escritor, que de um corretor de café apenas alfabetizado. Mas o importante é verificar que eu não me interesso vitalmente (moral, ciência) por esse amigo eleito, que o que dou a ele da minha arte e meu saber da mesma ordem dos dele, eu o dou como que para o dar a mim mesmo, e o que dele recebo, eu o recebo sem a menor espécie de compromisso. De compromisso outro que não seja o do próprio prazer desnecessário imediatamente, da amizade.

É curioso: em rapaz, ainda sem experiência e pouco menos que analfabeto, eu já me revoltava contra o provérbio que diz mais ou menos que “é nas grandes ocasiões que se conhecem os amigos”. Fui sempre um rapaz intelectualmente muito inquieto e revoltado. Minhas ideias, minhas conferências na Congregação Mariana de Sta. Efigênia, minhas conversas em casa causavam sempre escândalo porque eu vinha com coisas dessas: “ninguém não tem caráter”, “não existe um só ser humano no inferno”, “o positivismo não é uma filosofia, é uma prática

³ Pelas datas limites da correspondência remetida por Herberto Rocha a Mário (12 de julho de 1916 e 3 de setembro de 1925), depreende-se que a amizade datava da juventude de ambos. Herberto Rocha morou alguns anos no exterior, sobretudo em Nova Iorque, e a maior parte de suas cartas são desse período.

da vida”, coisas assim que eu defendia como podia em minha ignorância. Me lembro muito bem que apanhei espiritualmente muito de meu mano⁴ em casa e dos padres e companheiros de Congregação, o dia em que surgi triunfante como meu “Eureca!” de que é na quotidianidade esquecida da vida que se conhecem os verdadeiros amigos e não nas “grandes ocasiões”. Apanhei muito mas não cedi um passo. A minha verdade me deslumbrava, me prendia sem reservas, só que naquele tempo eu ainda não tinha suficiente experiência pra reconhecer que ela era “minha” verdade, talvez apenas “minha”..

Outro passo de interesse foi aquele em que, depois de já largo convívio, falei ao Manuel em amizade. Ele também muito sério, retrucou logo que não podia se comprometer em amizade comigo tal como eu a concebia (fora um poema que eu mandara a ele) porque, com o seu jeito pessoal era incapaz de realizá-la, e eu iria me ferir com as prováveis faltas de amizade que ele praticaria⁵. Retruquei logo que isso não me interessava porque eu não estava pedindo a amizade dele e sim dando a minha. E de-fato em mim é tão grande a gratuidade do sentimento de amor de amigo que eu o exerço só por mim, voluptuosamente, como um conhecimento puro, apenas interessado em se conhecer a si mesmo e se exercer.

Você não pode imaginar, Fernando, como eu sofri e inda sofro com o caso de Osvaldo⁶. É certo que eu detesto, e mesmo talvez odeie o Osvaldo, creio que odeio.

- 4 O embate se explica claramente pelo depoimento de Carlos de Moraes Andrade, o irmão de Mário, a Francisco de Assis Barbosa: “Éramos nessa época, dois seres completamente opostos, ao encarar problemas da inteligência e da cultura”.
- 5 Em carta de 23 de maio de 1924, Bandeira define sua noção de amizade: “[...] não acredito na amizade na extensão e profundidade em que você a concebe. Amizade: afinidade de inteligências, relação de inteligência. Não quero dizer que seja só isso, que deva ser só isso. Mas que seja sobretudo isso. Confiança? Como confiar em quem amanhã pode ser nosso inimigo? Tenhamos amigos, mas reflitamos: que são como nós carne fraca: não os exponhamos a possivelmente mais tarde magoar-nos. Ajudemos os amigos a desenvolverem harmoniosamente o que há neles de bom. Peçamos o mesmo também a eles”. (V. ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 124).
- 6 Oswald de Andrade – com sua verve afeita à blague, “perdia o amigo, mas não perdia a piada” – desde 1928, não mais contava com a amizade do companheiro das primeiras lutas modernistas. Até o fim da vida Mário reagirá com seu silêncio a todas as tentativas de reaproximação do antigo amigo. Apesar disso, continuou acompanhando a produção intelectual dele, o que se comprova pela presença de todos os livros de Oswald em sua biblioteca.

Eu talvez matasse o Osvaldo se isto não me prejudicasse a mim mais que a ele. (Aqui entra o problema do ódio-amor, que não quero comentar pra não me perder. E acho difícil de destrinçar, embora em algumas – algumas, só – amizades minhas entre incontestavelmente um valor de ódio também.) Pois bem: quando me analiso, você quer saber de uma coisa espantosa? Você quer saber que descubro em mim, apesar de tudo o que sucedeu, apesar de tudo o que o Osvaldo tem me feito, apesar da distância invencível de orientação intelectual, moral e concepção de vida que nos separa, você sabe que eu descubro em mim a mesma ternura, o mesmo afeto, vivos e intactos como se nada aconteceu! Explique se quiser! Eu apenas me assombro de mim.

Fui interrompido pelo Murilo Miranda que chegou e almoçou comigo. Aliás estava combinado isso mesmo, porque graças a Deus nesta indiscrição carioca as minhas alturas de Sta. Teresa agora me permitem controlar as visitas dos amigos⁷. Agora acabo esta carta.

Você está vendo, Fernando, como a amizade se apresenta pra mim, despida, livre, belíssima. E em sua espécie de gratuidade, todos os sentimentos, todos os afetos existentes nela conseguem uma intensidade absurda porque despidos de interesse imediato e postos em completo isolamento e desrelação. Um estado de ternura, uma carícia de olhar ou de sorriso, um cuidado com a saúde ou a decência do outro, um conselho, uma dedicação, uma dádiva, enfim tudo, assume assim em sua gratuidade, em seu isolamento, em seu desrelacionamento um puro caráter de flor. Não é semente nem fruto, nem a promessa incluída numa

7 Segundo Moacir Werneck de Castro em *Mário de Andrade: exílio no Rio*: "O apartamento da rua Santo Amaro era razoavelmente confortável, embora pequeno, porém tinha inconvenientes: o barulho, a facilidade das tentações para as saídas noturnas até o bar logo embaixo, a excessiva exposição aos chatos que apareciam sem avisar" (Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 123). Em julho de 1940, Mário de Andrade passa a viver na Ladeira de Santa Teresa, número 106, em casa alugada que lhe proporciona uma bela vista, conforme relata à mãe: "As paisagens são maravilhosas. A da frente da casa dá pra baía e o porto. Esta é mais bonita como teatro, um verdadeiro assombro. Vejo a Cinelândia, o aeroporto, e uma escola da Marinha, ganhada ao mar, que de noite parece um imenso navio. E depois das águas, Niterói e como fundo a morraria da Serra dos Órgãos, com o Dedo de Deus apontando. Uma coisa sublime. [...] Fico horas inteiras de pura contemplação extasiada, não me canso de ver. E sei que não me cansarei nunca, porque jamais me cansei de olhar meus quadros, meus marfins e as coisas de que gosto. [...]" (Carta sem data, apud: *Ibidem*, p. 124). Meses depois, em carta a Fernando Mendes de Almeida, datada de 4 de novembro, Manuel Bandeira comenta: "O Mário continua em êxtase com as belezas e o sossego de Santa Teresa." (Fundo Fernando Mendes de Almeida, IEB-USP).

farta folhagem saudável: é exatamente uma beleza, uma como que inutilidade, um acrescentamento decorativo de flor. Estou me esquecendo que a flor tem o pólen... Mas também falei em “decorativo”, o que é falso.

Só o que posso mesmo dizer é que é de uma maravilhosa superioridade do indivíduo, de uma intensidade inqualificável porque não deriva de interesses práticos, sei que é intensíssimo e sublime. Você não é pra mim o moço que se chega por admiração, por estima e vontade de saber as coisas que eu sei. Não é aquele aluno atrapalhado que observei de uma banca de exame e com quem logo simpatizei. Não é o homem honesto, não é o homem bom (podia ser desonesto ou mau), não é o que eu tenho esperança de corrigir ou não precisa ser corrigido. Você é o amigo, um dos amigos que eu tenho e que não posso supor eu deixe de ser amigo dele. Uma identificação que me prende sem reservas. Eu posso sofrer com você ou por você, posso auxiliar você ou ser auxiliado, tudo isto existe também. Mas o estado de amor e ternura é um só e permanente, não cresce nem decresce, nada pede, nada cede, é uma felicidade minha de mim. No entanto, (e aqui está o maior mistério) esse estado de felicidade não poderia existir sem você. E sem você tal como você é. Da mesma forma que na arte a minha felicidade não deriva apenas do que eu projeto de mim sobre a obra-de-arte e o artista, mas em principal do que eles projetam de si sobre mim.

Mas em certos momentos, em certos casos o amor se assanha, a ternura se torna maior, a precisão da carícia se impõe. O efeito se impõe é verdade: a precisão da carícia, a necessidade de censurar, de aconselhar, etc. Mas nem o amor se assanha, nem a ternura se torna maior. Mas isso se dá também com qualquer outra espécie de amor e compreensão estética. Basta um aniversário pra que você durante um dia ponha reparo no amor que você tem por um amigo, por um pai, por uma amante. Da mesma forma que basta uma contemplação mais atenta pra que se renove a comoção estética que você tem por um quadro que está na parede de sua casa.

Esse é o lado frutífero que existe em todas as espécies de amor e não diferença a amizade. E também é bela e gostosíssima essa frutificação cansada, que fez você me escrever sua última carta e em que senti o carinho pra mim necessário da sua ternura. Eu respondo com esta, talvez mais reservada pela necessidade de pensar. Não, meu irmãozinho, eu quero imensamente bem você e sua mulher e seus

filhos em você. O que você conseguiu maravilhosamente apontar na sua carta em sua amizade por mim, e também o que eu disse e sinto e expressei nesta carta: é que já agora, assente o estado de amizade, o meu amor de amigo já não depende mais de você, me pertence. Você vislumbrou esta eternidade da amizade perfeita, se percebendo superior aos atos do outro e reconhecendo que isso era “mais alguma coisa” que gratidão, passado, conhecimento e afinidades eletivas. É que a eternidade é nossa e independe dos amigos... Nos outros amores isto não existe.

Abraço firme no quarteto.

Mário